

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
RONDÔNIA

CENTRO INTERDISCIPLINAR
DE ESTUDO E PESQUISA DO
IMAGINÁRIO SOCIAL



REVISTA LABIRINTO
ANO XVIII
VOLUME 26
(ABR-JUN)
2017
PP. 297-317.

A VIDA, O ESPAÇO E O TEMPO SUSPENSOS DOS REFUGIADOS EM *ÍRISZ*: *AS ORQUÍDEAS*, DE NOEMI JAFFE

Fernanda Buzzon Fernandes
Doutoranda em Letras pela UNESP, Campus Assis
fer-letras@hotmail.com

RESUMO

Este trabalho apresenta alguns apontamentos acerca das condições conflituosas sob as quais vive o refugiado a partir do exílio, chamando a atenção para a constante sensação de estranhamento e deslocamento face a um novo espaço onde as trocas culturais e afetivas, mesmo quando suficientemente satisfatórias, não conseguem se sobrepor às lembranças e experiências da terra natal – apenas temporariamente suspensas. A falsa estabilidade logo se vê confrontada por questões adormecidas, que são concernentes a uma história interrompida de maneira abrupta e violenta principalmente por conflitos políticos e econômicos. Para tal, tomou-se como referencial teórico as reflexões sobre o exílio empreendidas pelos críticos George Steiner, em *Extraterritorial: a literatura e a revolução da linguagem* (1990), Edward Said, em *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios* (2003), e Homi K. Bhabha, em *O local da cultura* (2014). Tais reflexões serão realizadas a partir de sua concretização no romance brasileiro *Írisz: as orquídeas*, da escritora Noemi Jaffe. Nele, há a presença de uma imigrante que deixa a Hungria, estabelecendo-se no Brasil, após a contenção soviética no tocante à Revolução popular do ano de 1956, em que o povo marchou pelas ruas, destruindo as estátuas de Stálin, bem como lutando pela autonomia e redemocratização de um país historicamente exilado em si mesmo.

Palavras-chaves: Exílio; refugiados; Hungria; *Írisz: as orquídeas*; Noemi Jaffe.

A VIDA, O ESPAÇO E O TEMPO SUSPENSOS DOS REFUGIADOS EM ÍRISZ:
AS ORQUÍDEAS, DE NOEMI JAFFE, FERNANDA BUZZON FERNANDES

ABSTRACT

This paper presents some notes about the conflictive conditions under which the refugee lives from exile, drawing attention to the constant feeling of estrangement and displacement in relation to a new space where cultural and affective exchanges, even when satisfactory enough, fail overlapping memories and experiences in the native land. False stability soon finds itself confronted by dormant questions, which are concerned with a history abruptly and violently interrupted mainly by political and economic conflicts. For that, the reflections on exile were taken as theoretical references by critics George Steiner, in *Extraterritorial: Literature and the Language Revolution* (1990), Edward Said, in *Reflections on Exile and Other Essays* (2003) and Homi K. Bhabha, in *The Place of Culture* (2014). Such reflections will be realized from its concretization in the Brazilian novel *Írisz: the orchids*, by the writer Noemi Jaffe. In it, there is the presence of an immigrant leaving Hungary, settled in Brazil, after Soviet restraint regarding the popular Revolution of 1956, in which the people marched through the streets, destroying the statues of Stalin, as well as fighting for the autonomy and democratization of a country historically exiled in itself.

Keywords: Exile; refugees; Hungary; *Írisz: the orchids*; Noemi Jaffe.

A VIDA, O ESPAÇO E O TEMPO SUSPENSOS DOS REFUGIADOS EM ÍRISZ:
AS ORQUÍDEAS, DE NOEMI JAFFE, FERNANDA BUZZON FERNANDES

Introdução

“O exílio, como as folhas e flores da orquídea falsa, é uma condição que apenas adormece. Ele não é como as orquídeas verdadeiras, cujas flores morrem para, depois do ciclo de um ano, renascem. Ele não morre e renasce; apenas hiberna e, quando reaparece, é apenas o mesmo. O exílio não muda, não traz trocas com o ambiente, não aproveita nada da terra que o acolhe. Ele é eternamente outro e eternamente o mesmo.”
(Noemi Jaffe)

O século XXI teme os pequenos números, cada um de seus vizinhos pode ser uma ameaça, conforme o sociólogo e filósofo francês Raphaël Liogier, em entrevista realizada por Éric Fottorino (2016, p. 58), em ocasião dos atentados promovidos pelo grupo terrorista *Daesh*, em França. No século XX, contudo, as grandes revoluções de massa afligiam um mundo dividido em dois polos político-ideológicos - o capitalismo e o socialismo-, dentre as quais se destaca o levante popular magiar face aos abusos do Partido Comunista Húngaro, de orientação stalinista: evento à margem das preocupações ocidentais em virtude da disputa pelo canal de

Suez, no mesmo ano de 1956, que, paralelamente, sombreava um dos acontecimentos responsáveis pelo início da queda do muro de Berlim e, por conseguinte, pela retração comunista geográfica e ideologicamente. A resistência de um povo secularmente exilado em seu próprio território (monarquia austríaca, Primeira Guerra Mundial, nazismo e União Soviética) deixou fissuras, intensificando a expatriação e a distopia, em um cenário cujas ambições político-partidárias sobrepujaram necessidades humanas essenciais, a começar pela própria vida.

Esta conjuntura histórica, assim como casos análogos impulsionados sobremaneira pelo imperialismo, pelas guerras modernas e por governantes totalitários, propiciou o surgimento de uma revolução da linguagem literária (STEINER, 1990, p. 10), que se vê voltada agora também para a representação das diferenças de grupos social e historicamente marginalizados, em uma condição muitas vezes multifacetada e mutilada, como a dos refugiados.

O que é teoricamente inovador e politicamente crucial é a necessidade de passar além das narrativas de subjetividades

A VIDA, O ESPAÇO E O TEMPO SUSPENSOS DOS REFUGIADOS EM ÍRISZ:
AS ORQUÍDEAS, DE NOEMI JAFFE, FERNANDA BUZZON FERNANDES

originárias e iniciais e de focalizar aqueles momentos ou processos que são produzidos na articulação de diferenças culturais. Esses “entre-lugares” fornecem o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação – singular ou coletiva – que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria ideia de sociedade. (BHABHA, 2014, p. 20)

No Brasil, um dos destinos de muitos refugiados húngaros, no que toca à situação de pós-revolução arrasada, alguns romancistas se dedicaram a compreender a sensação de *outsider* constante frente a uma prática que se tornou uma punição política contemporânea. Dentre eles, a título de exemplo, além da escritora que estará sob análise, há Suzana Montoro, autora de *Os húngareses* (2013), romance vencedor do Prêmio São Paulo de Literatura no ano de 2012, na categoria melhor livro de autor estreante, e ainda *Alma Estrangeira: pequenas histórias de húngaros no Brasil* (2003), de Judith Vero, que, por meio de depoimentos, aborda os aspectos psicológicos acerca do estrangeiro, do estranhamento e da alteridade.

Criar arte entre ou a partir de civilizações vivendo sob quase barbárie, segundo George Steiner (1990), tem sido um

tema recorrente para literatura ocidental do século XX, mas também do século XXI, sobretudo em virtude da escala com a qual os conflitos espaciais têm se intensificado, de modo que o presente trabalho objetiva fazer uma leitura de um texto narrativo por meio de teorias do espaço que toquem à situação do refugiado, que se encontra em um estado quase permanente de não pertencimento – seja ele interno ou externo, fora ou dentro da pátria mãe. Para tal, buscaremos fundamentação principalmente nas reflexões empreendidas por George Steiner, em *Extraterritorial: a literatura e a revolução da linguagem* (1990), Edward Said, em *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios* (2003), e Homi K. Bhabha, em *O local da cultura* (2014).

No contexto ora apresentado, portanto, a escritora brasileira Noemi Jaffe lança *Írisz: as orquídeas*, romance híbrido publicado em 2015 pela editora Companhia das Letras, e um dos finalistas do Prêmio São Paulo de Literatura no ano de 2016, na categoria melhor livro de romance do ano de 2015. Ele está dividido em 22 capítulos polifônicos cujas vozes se

A VIDA, O ESPAÇO E O TEMPO SUSPENSOS DOS REFUGIADOS EM ÍRISZ:
AS ORQUÍDEAS, DE NOEMI JAFFE, FERNANDA BUZZON FERNANDES

alternam entre as personagens, como se a escrita e a palavra, para cada uma delas, fossem o último reduto para compreender o desconforto do estranhamento. A narrativa se entrega a uma experiência de reconstrução e busca por um lugar cujas raízes, sempre tão frágeis e imprevistas frente ao acaso histórico, não sejam mais limitadoras, não se fixem junto a um chão confinante e opressor, em consequência direta da experiência traumática do exílio; bem como pela desconstrução de uma utopia quase religiosa devotada a um comunismo que se perdeu em meio à sua própria burocracia.

Agora que ela desapareceu, quis contar a história, que não entendo direito, desde o começo, porque achei que assim entenderia alguma coisa. Ou para ficar um pouco mais perto do jeito como ela veio parar na minha vida que, até a sua chegada, era ordenada e calma. Mas então ela chegou trazendo a Hungria, a revolução derrotada, as palavras e um jeito tão desorganizado de fazer e pensar as coisas, que acabou me desequilibrando também. Agora estou sentindo tudo voltar ao normal e preciso daquelas palavras bagunçadas, dos trocadilhos errados, dos ditados em húngaro e em português, do sotaque, das canções inventadas e das perguntas sem sentido para reaver uma desordem de que aprendi a gostar. (JAFFE, 2015, p. 11)

No formato de cartas e relatórios científicos sobre diferentes espécies de orquídeas, que mais lembram um diário pessoal, dado a reflexão sensivelmente autodirigida presente em todos os capítulos, é Martim quem rompe o silêncio no romance, no primeiro capítulo, a partir do qual sua voz se alternará principalmente com as reflexões científicas e pessoais de Írisz (inicialmente, anteriores à sua partida (antigos relatórios); e, por fim, situadas no presente da personagem, que se encontra em Santos, com o pai). Especialista em orquídeas, diretor do Jardim Botânico de São Paulo e membro do Partido Comunista Brasileiro, ele relata para si a partida não anunciada, mas já pressentida, de Írisz - húngara exilada no Brasil na década de 1960, em virtude de seu envolvimento com a revolução magiar.

Ela parte sem levar os poucos pertences que mantinha consigo, em seu apartamento em São Paulo, de modo que Martim se apegue à possibilidade de reencontrá-la, esperando por um telefonema ou uma carta que esclareçam os porquês de seu desaparecimento. Neste meio tempo, descobre-se

A VIDA, O ESPAÇO E O TEMPO SUSPENSOS DOS REFUGIADOS EM ÍRISZ:
AS ORQUÍDEAS, DE NOEMI JAFFE, FERNANDA BUZZON FERNANDES

apaixonado por ela, bem como pela desorganização – ou esclarecimento-, que Írisz trouxe a uma vida outrora fechada em si mesma, alheia a laços humanos significativos, em consequência de sua fiel dedicação a um ideal político agora corrompido por mentiras e abusos. Martim representa o desmoronamento de uma geração cujos sonhos de vivenciar a aplicabilidade do socialismo se perderam e, em razão disso, tenta buscar formas de sobreviver em meio a ideais indeterminadamente suspensos; ou, se considerados por meio de outra perspectiva, finalmente humanos e autônomos – desvinculados eles próprios do dogmatismo ao qual se sujeitaram por anos.

Quando os soviéticos entraram na Hungria, quando as notícias sobre a invasão começaram a chegar aqui no Brasil e quando os camaradas perceberam que não haveria como escapar disso, eu, que já estava à beira de romper com o Partido, me senti quebrado. Dessa vez, mais do que com o discurso de Khruschóv ou com as denúncias sobre os crimes de Stálin, senti que estava realmente desabando. Alguns amigos mais próximos duvidavam do que os jornais diziam ou tentavam justificar a invasão soviética, alegando outra vez a “causa”. Mas, quando os húngaros começaram a chegar por aqui, quando brasileiros que testemunharam os fatos vieram

nos contar o que viram, eles foram acusados de traidores. Ver o que não se quer e o que não se pode ver era uma traição. Para quem transforma tudo em ritos, a vida atrapalha e seria bom se ela nem acontecesse, para não deturpar as frases de efeito. E os religiosos-burocratas não quiseram ouvir as histórias reais. (JAFFE, 2015, p. 133)

Ainda que fosse um homem inteligente e ponderado, as informações veiculadas pelo próprio Partido, sobretudo mediante a figura de Júlio Prestes (“Agora, depois de tudo, e principalmente depois da chegada de Írisz, essa frase soa para mim como a declaração de um arcebispo sobre os dogmas da Igreja.” (JAFFE, 2015, p. 134)), e também pela imprensa, dificultavam a compreensão real da situação dos húngaros, que foram, ademais, tomados como contrarrevolucionários e traidores por muitos comunistas mundo afora. A presença de Írisz, partícipe e testemunha direta dos acontecimentos, entretanto, possibilita a Martim relativizar os eventos, constatando o manifesto absurdo de conflitos e medidas quaisquer nos quais as motivações latentes transcendam os indivíduos.

A VIDA, O ESPAÇO E O TEMPO SUSPENSOS DOS REFUGIADOS EM ÍRISZ:
AS ORQUÍDEAS, DE NOEMI JAFFE, FERNANDA BUZZON FERNANDES

Por quanto tempo, de que maneiras e com quais motivos vamos continuar usando a “causa” como justificativa para tudo?

Por que um filho pode (e deve) entregar um pai? Pela causa. Por que não posso discordar mas posso proibir e impedir? Pela causa. Se existir uma causa capaz de transcender milhares de indivíduos, então é preciso duvidar dela. (JAFFE, 2015, p. 132)

Neste sentido, o nome da própria personagem é sugestivo, pois ela, Írisz, passa a ser os olhos com os quais Martim enxerga o que estava submerso entre desculpas parcamente explicadas pelo Partido Comunista Brasileiro e também pelo Partido Comunista da União Soviética. Írisz também ilumina a precariedade subjacente a um heroísmo cujos sacrifícios colossais, portanto a resistência militante, resultaram em perdas irreparáveis, em “vão”, como ela frequentemente afirma ao longo do romance, em razão não só do número expressivo de mortos, mas também da necessidade de sua fuga, da repentina deterioração da saúde de sua mãe e da morte de Imre, revolucionário com quem teve um relacionamento durante seis anos, na Hungria.

A figura de Imre se opõe à de Martim por encerrar uma militância mais prática, para além do plano das ideias, assim como pela resistência e sacrifício (morte provavelmente orquestrada pelo Partido Comunista): “Afinal, ela é de Imre, este sim um verdadeiro guerrilheiro.” (JAFFE, 2015, p. 94). No que toca ao nome e à descrição, inclusive física (“[...] ele seria capaz de se diluir em delicadeza, fazer tanto pelos outros que era como se o favor fosse maior do que o favorecido, o orgulho monumental, e aquele bigode idiota.” (JAFFE, 2015, p. 145)), ele nos lembra o próprio Imre Nagy, que, embora fosse membro integrante do Partido Comunista, apresentava ideias mais reformistas, no sentido de adaptar os preceitos socialistas à realidade húngara, e não ao dogmatismo soviético. Apesar de ter sido um membro fiel do Partido, face à ameaça dos tanques russos que se posicionaram nas fronteiras húngaras, tentou alertar a ONU e outras potências mundiais, no que viu sua investida frustrada: não só foi tomado como traidor pelo Partido, que havia lhe escolhido para tranquilizar a população, como o caso húngaro não recebeu a atenção

A VIDA, O ESPAÇO E O TEMPO SUSPENSOS DOS REFUGIADOS EM ÍRISZ:
AS ORQUÍDEAS, DE NOEMI JAFFE, FERNANDA BUZZON FERNANDES

necessária, pois as forças internacionais todas se concentraram em resolver o conflito sobre o domínio do canal de Suez. Nagy acabou sendo executado e enterrado secretamente, em 1958, por membros de um Partido ao qual dedicou sua vida, mesmo quando se opunha ao seu radicalismo.

E os Estados Unidos, a França, a Inglaterra, a ONU, os únicos que poderiam ter ajudado, tinham feito o quê? O resto da Europa tinha feito o quê? O que realmente importava para todos esses países naquela época, era, na verdade, o canal de Suez, porque isso sim tinha interesse estratégico e econômico, e não um paiseço do Leste da Europa, sem nenhuma perspectiva de lucro para ninguém. (JAFFE, 2015, p. 192-193)

Do contato entre Martim e Írisz, surge uma espécie de curiosidade pelas diferenças culturais existentes entre um e outro, pelo estranho em que agora se encontram, mas principalmente Írisz, que, aos olhos de Martim, é uma figura excêntrica, atípica, que destoa de seus novos pares, os outros brasileiros, ainda que isso seja motivo de inquietação e fascínio, e não reprovação, como comumente acontece aos expatriados no exílio (BHABHA, 2014, p. 21), que se veem

com frequência forçados a abandonar ou dissimular hábitos, quando não crenças, para serem admitidos por um grupo, em um novo espaço. Írisz, embora seus esforços quase silenciosos de ser gentil em relação ao outro, para agradar ou ser útil, fazendo todos os tipos de trabalho no Jardim Botânico, manteve-se fiel a si em nome de suas convicções, fosse por meio de suas roupas e maquiagem pesada, fosse por meio da culinária húngara, que a acompanhou até o Brasil.

No entanto, no que toca ao novo, ela também se autorizou a troca, o intercâmbio entre fronteiras tão dissemelhantes, de modo que sua inserção social não foi tão penosa, ainda que insuficiente para fixar suas raízes aéreas, como a das orquídeas, com as quais se identifica por seu caráter extraordinário de sobreviver sob as adversidades, nutrindo-se do outro sem, contudo, prejudicá-lo.

O refugiado, em consequência de instabilidades de sua terra natal, contenta-se com as sobras do novo espaço, beneficiando-se timidamente, por exemplo, da execução de trabalhos para os quais encontra pouca concorrência entre os

A VIDA, O ESPAÇO E O TEMPO SUSPENSOS DOS REFUGIADOS EM ÍRISZ:
AS ORQUÍDEAS, DE NOEMI JAFFE, FERNANDA BUZZON FERNANDES

cidadãos naturais de seu novo país, contudo, assim como as plantas epífitas, são tratados como parasitas, que ameaçam a estabilidade quando deixam os limites de suas próprias fronteiras: “Claro que vamos conseguir adaptá-las também à Hungria, onde tudo se adapta, onde até você se adaptou.” (JAFFE, 2015, p. 55). Há para com eles, em diversas circunstâncias, uma relação abusiva e exploratória: são bem-vindos na ocasião em que a economia se desenvolve plenamente, pois podem realizar os trabalhos desdenhados pelos nativos do país em que se encontram, porém, face a uma crise, são responsabilizados por desequilíbrios cujas origens não lhes podem ser atribuídas, ainda que as consequências sejam por eles vivenciadas mais que por qualquer outro cidadão com quem divide o espaço do exílio.

O estrangeiro anda: não sabe para onde vai, se perde, examina mapas, não os compreende, não conhece a organização da cidade. Está deslocado, mesmo quando está no lugar onde deveria. As características mais retraídas da personalidade – a timidez, os segredos, o medo, as hesitações -, todas se acentuam e ele não sabe o que dizer, o que fazer, como se movimentar. Anda por caminhos clandestinos e

procura cantos, margens e corredores. Ou então faz exatamente o contrário. (JAFEE, 2015, p. 101)

A tentativa de enraizamento, que pode ser dolorosa e conflituosa, por questionar valores de um outro lado da fronteira, salvo poucas exceções é pacífica. A título de exemplo, após os atentados terroristas pela Europa, principalmente em França, diversos intelectuais apontaram o sentimento de não pertencimento entre os franceses descendentes de gerações de imigrantes como uma de suas motivações: eles não compartilham um sentimento comum de nação e de ser cidadão francês, ainda que tenham nascido lá, em consequência da precária assimilação a um espaço onde não se sentem livres ou iguais aos seus pares. A exclusão que os circunda, caracterizada pela omissão dos poderes públicos e da sociedade frente aos piores trabalhos, habitações e a pior formação educacional que lhes são ofertados, contribui com a filiação de jovens a grupos de orientação extremista, onde são acolhidos como heróis que combaterão por uma causa religiosa, que, de certo modo, toca à questão do direito à terra.

A VIDA, O ESPAÇO E O TEMPO SUSPENSOS DOS REFUGIADOS EM ÍRISZ:
AS ORQUÍDEAS, DE NOEMI JAFFE, FERNANDA BUZZON FERNANDES

Assim sendo, as orquídeas, cuja grafia da palavra é similar em húngaro e português, bem como a tentativa de aproximação entre ambos os idiomas e, por conseguinte, culturas, torna-se um referencial comum entre Martim e Írisz, ainda que a partir da perspectiva da diferença.

Tinha esquisitices: estava sempre maquiada, mesmo para trabalhar, o que era tacitamente recriminado dentro do Jardim, por higiene, mas também por questões estéticas. Não fazia sentido trabalhar dentro de um laboratório com tintas e pós no rosto. Mas, apesar das caretas e de uma outra reclamação explícita, ela não abria mão daquela máscara que, por acompanhá-la tanto e diariamente, deixou de ser. Podia ser uma homenagem às orquídeas, a nós ou a ela mesma, não sei, mas aquela presença maquiada no Jardim fazia com que Írisz ficasse ainda mais onírica, como um anjo caído lá dentro por acaso. Nunca dizia não, nem para as tarefas mais descabidas: fazia café, ia de ônibus comprar material de papelaria, limpava os canteiros em volta as orquídeas e chegou até a esfregar os vidros do laboratório. Não que alguém pedisse, mas ela mesma percebia a necessidade e, se alguém reclamasse espontaneamente da falta de algum material, no dia seguinte o problema estava resolvido. (JAFFE, 2015. p. 39)

Instala-se entre eles o que Homi K. Bhabha (2014, p. 20) denominou a “emergência dos interstícios”, isto é, “o

intercâmbio de valores, significados e prioridades”, que, no que diz respeito a Írisz e Martim, funciona de modo colaborativo e dialógico. Ainda que Martim não se veja radicalmente exposto às suas próprias singularidades, posto que seu ambiente lhe seja confortável, afinal ele está inserido em sua própria nação, língua e cultura, ele se vê pela amizade, pelos seus ideais, mas também pelo amor recém-descoberto por Írisz, impelido a rever sua relação com os afetos humanos, dos quais se encontrava há muito afastado em nome de sua devoção ao Partido Comunista, em que todas as atrocidades se justificavam pelo bem maior, por uma causa que se prolongava no tempo, mas que não chegou a se concretizar por vias democráticas, ainda que sua presença tenha atenuado a agressividade capitalista.

Essa guerra não deveria se chamar “fria”. Pelo o que ouvi de Írisz (e ainda ouço falar, porque sua fala não é daquelas que se ouvem somente no momento [...]), era possível sentir o calor, a fumaça e o bafo dos tiros vindos dos tanques, das metralhadoras e dos gracejos dos soldados. (JAFFE, 2015. p. 66-67)

A VIDA, O ESPAÇO E O TEMPO SUSPENSOS DOS REFUGIADOS EM ÍRISZ:
AS ORQUÍDEAS, DE NOEMI JAFFE, FERNANDA BUZZON FERNANDES

A presença desorientada de Írisz, bem como seus silêncios, fazem-no observar os eventos de 1956, nos quais mais de três mil húngaros foram mortos pelos tanques soviéticos em um único dia, a partir de uma perspectiva mais lúcida, se comparada à dos outros membros do Partido Comunista Brasileiro, em que se revela o espanto, a crítica e a decepção face a uma ideologia corroída pelo dogmatismo e por métodos bárbaros de repressão: “Foi nessa época que surgiu o “pavor da campainha”, pois era de madrugada que os agentes da ÁVH tocavam a campainha para levar o “suspeito” em um carro preto cujas janelas ficavam fechadas por cortinas.” (SZABO, 2006, p. 27).

A Hungria se destaca no leste europeu por uma história marcada por um sem-número de dominações e guerras, em que seu povo teve de aprender a enterrar o passado, assim como seus mortos, para prosseguir na sua busca em direção à liberdade - sempre adiada. O término da influência nazista, logo após a Segunda Guerra Mundial, deu-se por intermédio do domínio soviético que, embora tenha promovido avanços

sociais (acesso das meninas à escola, erradicação do analfabetismo e do desemprego, acesso do povo às universidades) entre os magiares, sobretudo entre as populações mais marginalizadas, serviu-se de uma perseguição indiscriminada e brutal relativamente aos seus opositores e críticos, incluindo em sua lista de torturas intelectuais, membros de ordens religiosas e, por fim, o próprio povo. Embora alguns historiadores, entre eles Ladislao Szabo, apontem que a população não ansiava pelo retorno da propriedade privada às mãos dos latifundiários, ela exigia uma reformulação da esquerda, no sentido de se abrir para o pluripartidarismo e também para uma urgente redemocratização, levando em conta as especificidades húngaras, e não somente a doutrina soviética.

O terror contra a população se disseminava: entre 1950 e 1953 transitaram pelos tribunais mais de um milhão de processos contra 650 mil acusados, dos quais 390 mil foram condenados. Em 1953 já não existia família que não tivesse algum membro sob investigação. Parte dos condenados ia para prisão, parte para campos de internação, os *Gulags* húngaros, que chegou a 100 em 1953, comportando 44 mil

A VIDA, O ESPAÇO E O TEMPO SUSPENSOS DOS REFUGIADOS EM ÍRISZ:
AS ORQUÍDEAS, DE NOEMI JAFFE, FERNANDA BUZZON FERNANDES

“inimigos de classe” que realizavam trabalhos forçados dentro deles (Romsics, 1999, p. 343), mas ao governo parecia natural, na luta de classes, que um terço dos detentos estivessem presos por motivos políticos. (Pünkösti, 2000). (SZABO, 2006, p. 27)

A recepção internacional dos eventos alterou a estrutura (e também a imagem) do partido, que já seguia sensivelmente abalada após as denúncias empreendidas por Nikita Khrushchóv contra Josef Stálin, relativamente aos crimes por ele praticados e ao culto da imagem, formalmente apresentadas no XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética, em fevereiro de 1956. Neste período, sobretudo após a repressão do levante popular, muitos intelectuais se desvincularam do partido, entre os quais, no Brasil, há Jorge Amado, que tanto havia militado pelo comunismo, sujeitando algumas de suas composições literárias ao panfletismo político-ideológico. O escritor brasileiro, inclusive, era um dos poucos intelectuais ocidentais cujos trabalhos podiam transitar livremente em territórios sob influência da União Soviética: “Entre 1949 e 1953, a Hungria

não teve acesso a novos livros ou a peças ocidentais, com a exceção de alguns autores comunistas ou “companheiros de viagem”, como Jorge Amado” (SZABO, 2006, p. 30).

A despeito disso, de uma amizade que une dois mundos distintos, duas línguas díspares e um fato comum (a decepção política representada pelo testemunho vivo de uma sobrevivente, cujas perdas afetivas e materiais são imensuráveis), nota-se, em Írisz, a busca constante por aceitação do outro e de si mesma, ou melhor, pela não rejeição que comumente acomete o refugiado, forçando-o, inconscientemente em alguns casos, a tentar estabelecer contatos satisfatórios com o novo ambiente, assim como se esforçar para se comunicar (SAID, 2003 p. 52). Para Írisz, não havia inserção satisfatória em um novo espaço que não fosse sustentada pelo domínio de uma nova lógica e linguagem, a começar pela língua. Em razão disso, dedicou-se não só ao estudo das mais variadas espécies de orquídeas, mas também da língua portuguesa.

A VIDA, O ESPAÇO E O TEMPO SUSPENSOS DOS REFUGIADOS EM ÍRISZ:

AS ORQUÍDEAS, DE NOEMI JAFFE, FERNANDA BUZZON FERNANDES

Estar em país estrangeiro e não saber falar a língua local é estar alheio e encapsulado no espaço, no tempo, no corpo e na alma. Na ignorância da língua, o estrangeiro é completamente estrangeiro. Ser estrangeiro é ser estranho – “não pertencente a”, e é do não pertencimento que vem a conotação negativa de *estranho*, palavra que não é originalmente pejorativa.

Não pertencer pode ser libertador e permitir aos estrangeiros viver num tempo mais lento, observador e menos comprometido com as funções e metas dos nativos, preocupados com tarefas em grande parte assumidas pela língua que dominam (e que os domina também). Os não falantes de uma língua podem assim ser menos escravizados por ela; permitem-se errar, falar bobagens e inventar novos significados. (JAFFE, 2015, p. 100)

Por meio da aproximação de Martim, Írisz consegue, mesmo que temporariamente, não lembrar, ainda que não possa se esquecer, de tudo que deixou para trás, um “sacrifício em vão”, já que nada muda ou melhora na terra natal (JAFFE, 2015, p. 22): “Não consigo te esquecer, mas também não consigo me lembrar.” (JAFFE, 2015, p. 26). Porém o conflito emocional em que se encontra é manifesto, revelado por intermédio da palavra, da escrita, em que tenta conciliar passado, presente e futuro; Hungria e Brasil; Írisz e Martim.

Personagem central da trama, ao vir ao Brasil, ela deixa em suspenso não só a pátria, a língua e a cultura, mas também uma mãe doente em um sanatório, um passado obscuro, permeado por lacunas quanto à sua filiação paterna, e Imre, com quem manteve um relacionamento amoroso e político até o sufocamento da revolução popular pela invasão desmedida das tropas soviéticas, das quais Írisz se vê impelida a fugir para tentar recomeçar uma nova história.

Botânica de formação, especialista em árvores de *ginkgo*, Írisz não compreende nada a respeito de orquídeas, mas, com a desculpa de adaptá-las ao ambiente hostil húngaro (não só pelo clima como também pelos conflitos), conforme foi feito com a vitória-régia em Fűvészkert, é acolhida por Martim, que lhe oferece um trabalho no Jardim, lugar por meio do qual ela se relaciona científica e metaforicamente com as flores para apreender um mundo novo, onde as pessoas, segundo ela, não sabem enterrar seus problemas, como os húngaros fazem-no a cada derrota.

Quem você visitava naqueles dias? Não eram parentes, acho. Não havia parentes a visitar, pelo menos não em Budapeste.

A VIDA, O ESPAÇO E O TEMPO SUSPENSOS DOS REFUGIADOS EM ÍRISZ:

AS ORQUÍDEAS, DE NOEMI JAFFE, FERNANDA BUZZON FERNANDES

E você nunca teve amigos tão próximos a ponto de precisar, ou querer, visitá-los. Você ia ao Kerepesi porque todos iam, porque nós sabemos enterrar como ninguém, porque é preciso sempre lembrar disso e porque, se havia algo que você queria me ensinar, era enterrar. Talvez a única coisa. E foi isso que não aprendi. (JAFFE, 2015, p. 74)

A relação simbólica de Írisz com as plantas, portanto, é anterior à sua vinda para o Brasil. No tocante às árvores de *ginkgo*, pode-se perceber ainda mais a resistência de Írisz, bem como do povo húngaro, face aos conflitos sociais e históricos que a cercam. Segundo os botânicos, sinal de paz e longevidade, as árvores de *ginkgo* são fósseis vivos, pois existem há mais de 150 milhões de anos, desde o tempo dos dinossauros, tendo sido uma das únicas espécies que sobreviveram às explosões atômicas no Japão. Írisz também é uma sobrevivente de ideais, sonhos e amores desfeitos por uma guerra herdada, da qual nunca quis verdadeiramente ter de tomar parte, não fosse por sua obstinação e inconformismo frente à aceitação apática do absurdo.

Vim para aprender o português, uma língua em que as palavras estão quase sempre numa mesma ordem, diferente do húngaro, em que a ordem não importa e é possível fazer tantas aglutinações. Não aprendi a ser como você e como nossa língua, aceitando as adversidades como se elas fossem inevitáveis, nem aprendi o silêncio do sacrifício, que você e Imre queriam me ensinar. (JAFFE, 2015, p. 79)

Os relatórios por ela escritos revelam um misto de sentimentos conflitantes, que Írisz tenta conciliar sem sucesso por meio de suas reflexões: conquanto se culpe por ter abandonado a Hungria e seus conflitos seculares, e tudo aquilo que ela representa relativamente a seus laços afetivos, julga-se também no direito de negar o valor de sacrifícios cujas vidas perdidas não só permanecem anônimas como em nada alteram o *status quo*.

Írisz, naquilo que acredita que se opõe a Imre e à sua mãe, gosta de enxergar as várias facetas das quais se constituem os fatos, considerando o levante, portanto, algo que, ainda que maravilhoso, deu errado, mesmo que seu companheiro se recusasse a admiti-lo, custando-lhe a vida sob circunstâncias não reveladas no romance, mas preenchidas pela própria História, que, no caso húngaro, também não se

A VIDA, O ESPAÇO E O TEMPO SUSPENSOS DOS REFUGIADOS EM ÍRISZ:
AS ORQUÍDEAS, DE NOEMI JAFFE, FERNANDA BUZZON FERNANDES

absteve da violência, aproximando esquerda e direita no que concerne à repressão de anseios individuais e coletivos.

Eu te acompanhava às reuniões, às manifestações, escondia cartazes, abrigava os seus amigos, voltava para casa de madrugada sem ter notícias de mamãe nem ela de mim, inventava códigos botânicos e linguísticos para disfarçar as mensagens secretas, me arriscava ou me expunha, me alegrava quando todos achávamos que finalmente tudo daria certo. Não deu. Tudo deu errado. E nessa hora, quando tudo fracassa, a atitude menos egoísta que pode existir é reconhecer: tudo deu errado; deu tudo errado; errado deu tudo; errado tudo deu. E não se recusar a aceitar os tanques e as mortes e dizer que, ainda não, pode ser que ainda haja alguma chance e eu, só eu, possa salvar mais alguém ou mais alguma coisa, um fiapo de palha no meio do incêndio. (JAFFE, 2015, p. 29)

Ao longo da narrativa, a personagem também se questiona sobre as razões que teriam motivado o abandono pelo pai, com quem conviveu até os seis anos. Észter, sua mãe, recusava-se a contar as circunstâncias de seu desaparecimento, fazendo com que Írisz, inclusive, conseguisse perdôá-lo justamente por ter partido de Hungria, em oposição à mãe, que não só ficou, como embruteceu até se emudecer

completamente por um país que não se deixava pertencer aos húngaros.

A revelação de que o motivo do desaparecimento de Írisz se deve ao contato, e posterior retorno de Ignác, seu pai, é importante para estrutura narrativa, pois não só preenche o passado da personagem, levando-o mais uma vez para o contexto das revoluções, como a reaproxima de suas raízes, obrigando-a a admitir que, em verdade, é impossível esquecer, que todo exílio é apenas uma suspensão temporária do presente, do espaço e da própria vida, pois, sob a frágil aparência de estabilidade, reside uma história que influi sobre o refugiado, que o encontra novamente: “Exílio é a vida levada fora da ordem habitual. É nômade, descentrada, contrapontística, mas, assim que nos acostumamos a ela, sua força desestabilizadora entra em erupção novamente [...]” (SAID, 2003, p. 60).

A presença de Ignác no Brasil, na cidade de Santos, revela a luta magiar, que atravessa gerações de uma família, de toda uma nação, para poder se sentir cidadão em sua própria

A VIDA, O ESPAÇO E O TEMPO SUSPENSOS DOS REFUGIADOS EM ÍRISZ:
AS ORQUÍDEAS, DE NOEMI JAFFE, FERNANDA BUZZON FERNANDES

terra: o pai de Írisz também deixou a Hungria, estabelecendo-se na Romênia, após observar seus esforços por um país livre serem esmagados por uma nova dominação, mas sob a mesma relação de sujeição.

Era o fim possível não só da presença da União Soviética na Hungria, como também da presença nazista, de anos atrás e até do Império Austro-Húngaro, de outro século. Ou você acha que era à toa que entoávamos os poemas de Petöfi? “Até hoje fomos escravos. Nossos antepassados escravos que livremente viveram e morreram em solo de escravos não podem mais descansar.” “Ao Deus dos húngaros te juramos. E juramos que jamais voltaremos a ser escravos.” (JAFFE, 2015, p. 173-174)

O envolvimento de Ignác contra a presença nazista, assim como o de Írisz relativamente ao levante de 1956, este em oposição aos soviéticos, deixou-o com poucas possibilidades de emprego em seu país, em razão de sua baixa formação e da perseguição àqueles que se opuseram ao novo regime.

Eu não podia mais continuar desempregado em Budapeste, como todo aquele passado que não me permitia conseguir um emprego decente e aquele falso moralismo e a aristocracia

decadente daquela cidade meio comunista, meio burguesa, meio intelectual, meio monarquista.” (JAFFE, 2015, p. 199).

Já residindo em outro país, viu suas tentativas de aproximação serem rejeitadas por Észter, que aparentemente se sentiu abandonada e traída, sobretudo porque Ignác formou uma nova família. Face à esperança de finalmente ver seus sonhos de um país livre realizados, por meio do levante popular de 1956, tentou contato novamente com Észter, por meio de quem conheceu Imre, o companheiro de sua filha que já não via há anos: timidamente, sem nunca falar diretamente com a ex-companheira, tentou ajudá-los, transmitindo informações secretas, até que, mais uma vez, assistiu à bravura húngara sendo reduzida à subserviência, decidindo, um ano após a revolução, procurar por Írisz, contrariando a resistência inicial de Észter, agora praticamente inconsciente em uma clínica.

Nesta busca por informações de sua filha, entrou em contato com pessoas cuja fúria se voltava para os militantes, e não para covardia soviética, confirmado as suspeitas de Írisz,

A VIDA, O ESPAÇO E O TEMPO SUSPENSOS DOS REFUGIADOS EM ÍRISZ:
AS ORQUÍDEAS, DE NOEMI JAFFE, FERNANDA BUZZON FERNANDES

no sentido de que, talvez, todas as revoluções sejam uma grande ilusão, pois poucos são aqueles que não se resignam aos fatos históricos, adaptando-se mesmo a eles sem resistir: “Eles me perguntavam o que seria da Hungria nas mãos daqueles malucos revolucionários que não tinham a menor ideia do que fosse a realidade, a tal da “conjuntura” de um país inteiro, corrupto desde a raiz e sempre lambendo as botas de poderes muito superiores.” (JAFFE, 2015, p. 192).

Com o retorno de Ignác, Írisz fugiu novamente, mas agora de Martim. A personagem, que está vivendo com o pai em Santos, não se sente merecedora da estabilidade, e também felicidade, que encontrou em São Paulo. Observa-se em suas palavras, em um relatório feito para si mesma a respeito de uma falsa orquídea, a fratura irreparável do refugiado observada por Said (2003):

O exílio nos compele estranhamente a pensar sobre ele, mas é terrível de experienciar. Ele é uma fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal, entre o eu e seu verdadeiro lar: sua tristeza essencial jamais pode ser superada. E, embora seja verdade que a literatura e a história contêm episódios heroicos, românticos, gloriosos e até triunfais da vida de um exilado, eles não são mais do que esforços para

superar a dor mutiladora da separação. As realizações do exílio são permanentemente minadas pela perda de algo deixado para trás para sempre. (SAID, 2003, p. 46)

A felicidade não se prolonga por muito tempo, pois, para o refugiado, é insuportável prosseguir sobre as ruínas de um passado que sempre vai se sobrepôr ao presente, principalmente pela memória que é consolo pelas perdas materiais e afetivas que se edificam a cada tentativa de superação. Não se trata simplesmente de uma frustração ideológica, como a de Martim: Írisz carrega o sentimento de culpa por não ter ficado junto aos seus, com a pátria. A escolha por uma nova vida abre espaço para questionamentos insolúveis: o direito à vida se ofende diante da morte e do sacrifício de sua família, de um amor, de seu povo, com o qual está ligada não só por meio da língua húngara, mas também por uma história, hábitos e sonhos comuns.

Preciso do grito que ameaça o silêncio, do soco que desfaz a serenidade que você me dá. Por quê? Porque não suporto o bem-estar que sinto não merecer. Porque, depois de tudo o que fiz com Imre, com *anyu* e com a Hungria, não é com

A VIDA, O ESPAÇO E O TEMPO SUSPENSOS DOS REFUGIADOS EM ÍRISZ:
AS ORQUÍDEAS, DE NOEMI JAFFE, FERNANDA BUZZON FERNANDES

tanta facilidade que vou permitir que a vida me presenteie com sua amizade. (JAFEE, 2015, p. 188)

Além disso, “os habitantes de qualquer lugar são os proprietários do hábito, aqueles que comandam os gestos e as palavras e são os donos do território” (JAFEE, 2015, p. 212). No Brasil, ela aprendeu a diferença essencial entre *ser* e *estar* - um e outro intimamente ligados à condição territorial, esta necessária para pertencer, enraizar-se, que, segundo Simone Weil, é a “necessidade mais importante e mais ignorada da alma humana.” (WEIL, 2014, p. 45).

Tornar-se parte de um lugar, absorvendo tradições e povos, pressupõe também deixar de ser, distanciar-se de um *eu* que, quando retorna a si, de tempos em tempos, sente intimamente a dor do rompimento não consentido. Para Írisz, a adaptação ao exílio ocorre por meio da imitação, como se os refugiados fossem mesmo “palhaços” (JAFEE, 2015, p. 215), que adotam os gestos de outros habitantes.

Ela opta, assim sendo, pelo desenraizamento, abrindo mão também de Martim, porque “também o amor passa”

(JAFEE, 2015, p. 220): “E, ao mesmo tempo, não posso nem quero criar raízes fixas, porque a vida não me deu esse direito. Mesmo na Hungria, o único lugar onde eu poderia me enraizar, isso me foi tirado.” (JAFEE, 2015, P. 2016).

A presença de Ignác representa, talvez, o anseio por uma floresta inóspita e virgem, um “espaço fora do tempo e da geografia” (JAFEE, 2015, p. 211), como aquela que percorreu no Brasil ao lado do pai: a possibilidade de retorno a tempos primordiais, em que a conexão do homem para com a terra não era mediada pelas fronteiras, que nos fecham em nós mesmos, deixando-nos despreparados e frágeis face aos acasos, às mudanças que se interpõe aos nossos desejos e a nós mesmos.

Considerações finais

Írisz: as orquídeas, de Noemi Jaffe, não só ilumina a presença dos imigrantes húngaros no Brasil, evento pouco referido pela História, embora suas motivações tenham sido suficientemente significativas, mudando os rumos do

A VIDA, O ESPAÇO E O TEMPO SUSPENSOS DOS REFUGIADOS EM ÍRISZ:
AS ORQUÍDEAS, DE NOEMI JAFFE, FERNANDA BUZZON FERNANDES

socialismo mundo afora, mas, principalmente, revela a instabilidade em que se encontram os refugiados, mesmo quando o processo de assimilação à nova terra parece lhes ser mais favorável.

Os inúmeros conflitos pelos quais sofre a humanidade promoveram uma espécie de revolução na linguagem literária, que, hoje, se vê voltada também para a representação de grupos sociais marginalizados, dentre os quais se inclui os expatriados. O romance brasileiro analisado é um exemplo deste tipo de narrativa, em que o literário e o histórico se mesclam com vistas a contar episódios do passado a partir de uma perspectiva nova, que contempla a experiência direta daqueles que estiveram por tanto tempo silenciados.

Os conflitos quase sempre obrigam os refugiados a abandonar seus países de origem às pressas, deixando para trás não apenas os limites de um espaço geográfico, mas tudo que o constitui, como a língua, a cultura, o povo e o sonho coletivo de construir uma nação mais justa para si e seus descendentes. Buscar um lugar mais seguro para viver não significa apenas

recomeçar uma nova vida, mas tentar romper com um passado que não admite ficar suspenso por muito tempo.

De maneira geral, as narrativas sobre exilados deixam ver que, mesmo quando eles são bem-sucedidos em uma nova terra, a integração nunca é total, pois a sensação de não pertencimento sempre paira sobre a superfície, ameaçando a pretensa estabilidade, não só em virtude das diferenças culturais, mas também por todos os laços abruptamente desfeitos.

Além disso, o refugiado, mesmo quando não se reconhece nos problemas de seu país de origem, ansiando e lutando para deixá-lo, frequentemente se sente culpado ao fazê-lo, tal como Írisz, personagem de Jaffe, pois os danos já são suficientemente irreparáveis para prosseguir sem precisar olhar para trás, ignorando ou simplesmente se esquecendo daqueles que não tiveram a mesma sorte de partir para recomeçar.

Contemplando questões que envolvem desde o choque cultural até a assimilação por meio da língua do outro, a qual,

A VIDA, O ESPAÇO E O TEMPO SUSPENSOS DOS REFUGIADOS EM ÍRISZ:
AS ORQUÍDEAS, DE NOEMI JAFFE, FERNANDA BUZZON FERNANDES

consequentemente, se oferece como um caminho para o conhecimento de uma nova cultura, Jaffe demonstra, portanto, que todos esses esforços de aproximação são insuficientes para preencher as lacunas deixadas por uma fissura irreparável, que transcende o espaço e se instala na fragilidade das relações humanas.

REFERÊNCIAS

ALENCASTRE, Amilcar. *Hungria: da queda do nazismo ao ressurgimento*. Rio de Janeiro: Editora Leitura S.A., 1965.

A máquina da misoginia e o fator Dilma Rousseff na política brasileira. Disponível em:

<http://revistacult.uol.com.br/home/2016/07/a-maquina-misoginia-e-o-fator-dilma-rousseff-na-politica-brasileira/>

Acesso em 18 de agosto de 2016.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

FOTTORINO, Éric (Org.). *Quem é o Estado Islâmico?: compreendendo o novo terrorismo*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

JAFFE, Noemi. *Írisz: as orquídeas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

MAYER, Arno J. *Dinâmica da contra-revolução na Europa, 1870-1956: uma estrutura analítica*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

MOTORO Suzana. *Os húngareses*. Rio de Janeiro: Rocco, 2013.

SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

STEINER, George. *Extraterritorial: a literatura e a revolução da linguagem*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SZABO, Ladislao. *Hungria 1956: ... e o muro começa a cair*. São Paulo: Contexto, 2006.

VAIA, Sandro. *Armênio Guedes: sereno guerreiro da liberdade*. São Paulo: Editora Barcarolla, 2013.

A VIDA, O ESPAÇO E O TEMPO SUSPENSOS DOS REFUGIADOS EM ÍRISZ:
AS ORQUÍDEAS, DE NOEMI JAFFE, FERNANDA BUZZON FERNANDES

VERO, Judith. *Alma estrangeira: pequenas histórias de húngaros no Brasil*. São Paulo: Editora Ágora, 2003.

WEIL, Simone. *O enraizamento*. Lisboa: Relógio d'Água Editores, 2014.

WEIL, Simone. *Reflexões sobre as causas da liberdade e da opressão social*. Rio de Janeiro: Achiamé, s.n.t.

ROSSI, Waldemar; GERAB, William Jorge. *Para Entender os Sindicatos no Brasil: uma visão classista*. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

SANDOVAL, Salvador. *Os Trabalhadores Param: greves e mudança social no Brasil 1945-1990*. São Paulo: Ática, 1994. (Série Temas v. 32).

THOMPSON, E. P. *A Formação da Classe Operária Inglesa*. Trad. Denise Bottman. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.v. III.

Recebido em: 19/04/2017.

Aprovado em: 03/07/2017.

Publicado em: 28/08/2017.